

O contador de histórias

Apaixonado pela arte lírica e por sua Toscana, Franco Zeffirelli faz do seu trabalho um pólo difusor da cultura italiana

No inverno ameno da região toscana da Itália, tipicamente mediterrâneo, nasce na Florença de 1923 Gianfranco Corsi, aquele que mais tarde viria a ser um dos maiores encenadores de óperas líricas já conhecido. Logo cedo, aos oito anos de idade, se encantou pela famosa obra “Valquírias”, de Wagner, e, a partir daí, jamais perdeu o amor pelos palcos. Anos depois, passou a usar o nome Franco Zeffirelli, o que não mudou, no entanto, sua “vontade de contar histórias”, como dizia. Hoje, aos 84 anos, continua em atividade - sua produção já inclui a direção de mais de 20 obras, entre as quais peças de teatro, cinema e televisão.

Zeffirelli estudou Belas-Artes e Arquitetura em Florença. Ainda jovem, aos 23 anos, conheceu Luchino Visconti, mestre da arte cinematográfica italiana, com quem trabalhou durante anos. Como assistente e diretor de arte de Visconti, participou, em 1948, do filme *La terra trema* - uma das obras-primas do já consagrado diretor -, filme que foi gravado com pescadores sicilianos de maneira praticamente documental. Mais tarde, assinou *Bellissima* (1951) e *Senso* (1954), ambos também de Visconti.

Zeffirelli viveu durante o período de transição entre a estética fascista e o conceito neo-realista. A primeira, fortemente arraigada no pensamento da população entre as décadas de 1920 e 40, recorria a moldes ideológicos que pretendiam ajustar a sociedade a um sistema totalitarista que pregava, sobretudo, a submissão ao Estado. Já o neo-realismo, antecedendo os anos 1950, foi um período

efervescente do cinema da Itália e despontou como uma libertação das amarras do regime anterior. Esse novo movimento, conhecido nas artes como Verismo, pretendia retratar, sobretudo, a verdade dos fatos, apresentando os problemas da crise italiana no pós-guerra. Foi justamente nessa época que Zeffirelli juntou-se ainda mais a Visconti e passou a produzir filmes inovadores, orientados por uma forte crítica social ao período de recuperação vivido, então, pela Itália do pós-guerra.

Aos poucos, adotou um tom mais melodramático. Para ele, entretanto, realismo e ópera não podiam andar juntos. Logo após essa ruptura, encenou *La traviata* (1983), de Giuseppe Verdi, e *Otello* (1986), de Shakespeare, duas óperas que mais tarde ganhariam versões para o cinema, encantando

Franco Zeffirelli dirige a atriz Cher no filme “Chá com Mussolini”



Assista

público e crítica devido à riqueza de detalhes em estilo barroco, presentes tanto no cenário quanto nos figurinos. Zeffirelli trazia, portanto, a ópera de volta para o público.

Bem antes disso, entre as décadas de 1950 e 60, encenou diversos espetáculos no Scala de Milão e no Royal Opera House, em Londres. Nesse período, dirigiu grandes nomes como Maria Callas, Anna Magnani e Laurence Olivier. Com o despontar das transmissões audiovisuais, o que fez da televisão um novo e atraente meio de comunicação de massa, a direção de Zeffirelli chegou aos seriados de TV. Em *Maria Callas at Covent Garden* (1964) e *Gesù di Nazareth* (Jesus de Nazaré, 1977), ambas séries de televisão, adaptou suas técnicas de palco - deslocamentos cronológicos e *flashbacks* - para as câmeras. Mais tarde, passaria pelo mercado hollywoodiano, no qual obteve pouco sucesso, o que o fez retornar para as produções com as quais já trabalhava na Itália.

Foi um grande estudioso dos textos do dramaturgo inglês William Shakespeare, de quem adaptou diversas obras para o cinema. Sua perspicácia na escolha do elenco consagrou filmes que, ainda hoje, servem de inspiração para diversos artistas. Em sua autobiografia, lançada em 1986, Zeffirelli conta que uma discussão ocasional, ocorrida entre os atores Elizabeth Taylor e Richard Burton, e captada por sua percepção de encenador, tornaria-se, mais tarde, a realidade de Katarina e Pettruchio, personagens interpretados por esses dois atores em *La bisbetica domata* (Megera Domada, 1967). Já em *Romeo e Giulietta* (Romeu e Julieta, 1968), o diretor se ateu ao conceito de Shakespeare em relação à juventude e colocou nos papéis centrais dois jovens atores, ainda pouco experientes, mas com a vivacidade inerente e indispensável a seus personagens.

Fascinado pela Itália e saudosos de sua Florença antiga, Zeffirelli sempre buscou levar à sua terra natal o que o teatro moderno tinha de melhor, contribuindo para aumentar a riqueza da cultura italiana e disseminá-la em outras terras. ☞

Romeu e Julieta (*Romeo e Giulietta*)

O filme é uma adaptação da peça homônima do dramaturgo inglês William Shakespeare. Com toques do primeiro enredo escrito por Bondello, em Florença, e consagrado como uma das obras-primas de Franco Zeffirelli, o filme conta a história do jovem casal que se apaixonou e tem de enfrentar a rivalidade entre suas famílias, os Montecchio e os Capuleto, de Verona. Gravado na Itália, em 1968, Zeffirelli recupera a atmosfera tradicional em que se passou o verdadeiro drama. O diretor pretende buscar a essência do texto de Shakespeare. Ao escalar Leonard Whiting e Olivia Hussey para interpretar os papéis centrais, Zeffirelli pretendia representar com precisão a força do amor impossível vivido pelos jovens. Outra característica a ser notada no filme é o fato de o diretor não ter gravado a clássica "cena do balcão", onde o casal apaixonado fala sobre o amor proibido, que, segundo os estudos de Zeffirelli, não teria existido no original. A trilha de Nino Rota incrementa ainda mais o clima produzido pela estética do diretor italiano.

Direção: Franco Zeffirelli/
Ano: 1968/ **Duração:** 138 minutos



Chá com Mussolini (*Tea with Mussolini*)

Arte e política. Estes são os dois pilares de sustentação da narrativa dessa obra de Zeffirelli. Inspirado em suas experiências pessoais vividas durante a infância e juventude, o diretor ambienta o filme nos anos de 1930. Nessa história, o garoto Luca - órfão por parte de mãe e não reconhecido pelo pai - vive sob os cuidados de senhoras inglesas que querem fazer dele um típico cavalheiro inglês. Com o início da 2ª Grande Guerra, Luca passa a buscar independência e começa a trilhar seu caminho no mundo da arte. A riqueza de detalhes, característica desse diretor, revela as sutilezas do drama vivido pelo grupo de inglesas conhecido como *Scorpioni*, por causa do humor cortante. O filme ainda é uma boa oportunidade de conhecer a história de Florença e ver cenários belíssimos da região, como o Duomo da cidade murada de San Gmignano, a Galeria Uffizi e o Teatro Romano, em Fiesole. A trilha sonora e os figurinos completam o filme, que é praticamente um restauro da região florentina. No elenco, Cher, Judi Dench, Joan Plowright e Maggie Smith.

Direção: Franco Zeffirelli/ **Ano:** 1999/ **Duração:** 116 minutos